

## O espelho de nós mesmos

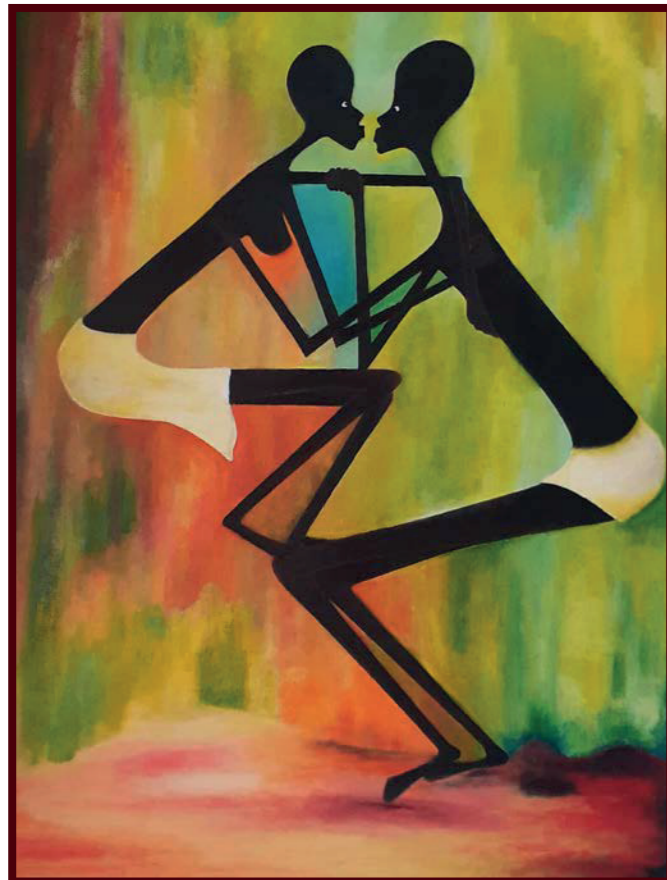
por Caetano Imbo  
Escritor e artista plástico

“Tendo em vista que a superestrutura se modifica, porém, desde que nos sucumbimos ao desejo, à fome, à guerra, à doença, à violência, à corrupção, à desonestidade e às tendências, também vimos que as mudanças ocorridas nas condições de produção e de distribuição não foram por falta de algo. O que nos traz a esta situação é a falta de uma consciência crítica, que precisaram mais de meio século para refletir-se de forma clara e distinta, onde nos vemos em todos os setores da cultura. Só hoje podemos constatar sob que forma isso se deu.”

Walter Benjamin, Obras escolhidas

Somos seres vivos imbuídos de saberes, com capacidade de absorver conhecimentos e apreciadores da cultura. Tudo depende de nós ou de outros. O sentimento é sempre incomum ao outro.

É assim a nossa imagem, meia parte de nós, ao perfilarmos na frente de uma obra de arte, na qual se manifesta as particularidades de cada olhar, ao apreciá-la com o finito que nos circunda a alma. É ela, o espelho do que não podemos interpretar e nem ver, o outro lado da moeda, o impenetrável sendo nós humanos.



Ponto de equilíbrio, óleo sobre tela.



Singular, óleo sobre tela.



Fonte de vida, óleo sobre tela.



Balaio, óleo sobre tela.



Batente Caneta sobre tela.

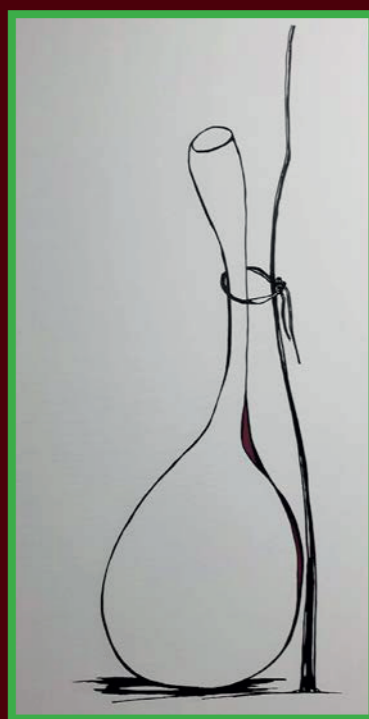


Lantê, óleo sobre tela.





Comunhão óleo sobre tela.



Buly, caneta sobre tela.



Frente a frente óleo sobre tela.



Mordaça, óleo sobre tela.

O nosso reflexo no espelho ou na lâmina da água é superficial, provocando em nós a sensação de falta. In-genuamente, pensarmos que somos hábeis o suficiente para exercer a função dos deuses: interpretar uma obra de arte. O que nos torna menos merecedores de algo grandioso por nos atrevermos a acessá-la como intérpretes, sabendo que o nosso saber limitado como é o dos mortais.

Isso não nos torna indignos de visitar galerias para passar a vista nas telas ali expostas ou ir à casa de um amigo para apreciar uma boa cerveja, trocar ideias sobre a cultura e a literatura, sejam lá quais forem as motivações.

Imagino que alguns de nós estão renunciando à parte abrangente das culturas por ser periférica, uns por pretensa religiosidade, outros por minimizar a arte como parcela preponderante do saber humano, ou ainda por ignorância e assim por diante.

Humano sempre humano contrariando a nós mesmos. O espelho, então, penetra o incompleto que habita as mentes onde alguns são entusiastas dos olhos que cintilam ao perfilar as brechas das galerias de arte.

Sendo amantes do que não é amável, senão apreciável pelos olhos do amor e saber. A plenitude representada pela figura da arte subtrai o nosso poderio, tornando-nos, assim, subalternos ao que é arte.

Somos grosseiros em todos os sentidos quando falamos da arte e quando nos aproximamos dela, nos falta a sensibilidade, o entendimento, a compaixão, o amor para tal. A barbárie é o que habita a mente dos decadentes. Porém, perto dela nos sentimos vivos e próximos de Deus e, assim, no centro das culturas.



Assobiando óleo sobre tela.

“A maldade não tem como finalidade em si o sofrimento do outro, mas sua própria fruição sob forma, por exemplo, de um sentimento de vingança ou de uma intensa excitação nervosa. Qualquer brincadeira já mostra como dá prazer exercer o próprio poder sobre outrem e chegar com isso ao sentimento agradável da superioridade.”

Nietzsche,  
Humano Demasiado Humano

Desse modo, as incertezas inundam os espaços e invadem o nosso agora como o espelho que nos dá prazer e desprazer. Sendo o humano, que sempre seremos, refletidos pelo espelho como animais na falta de nós.